

Entrevista com Edilena Krakati e Maria Helena Gavião

Nádia Xavier Moreira¹

Artigo recebido em abril de 2023
Artigo aprovado em maio de 2023

“ver o nosso território bem, o nosso bem viver ali sem ser violentado, sem ser derrubado, sonho de ver o nosso povo feliz, esse é o meu sonho.”

(Maria Helena Gavião).

Segundo dados do Sistema de Áreas Protegidas (SisArp, 2020) do Instituto Socioambiental (IS)², existem no Brasil 1.029 organizações indígenas, das quais 85 são organizações de mulheres. Desse montante maior, há ainda 7 organizações que possuem departamentos de mulheres, perfazendo 92 (8,94%) organizações nas quais questões específicas de mulheres se fazem presentes. As organizações indígenas de mulheres são encontradas em todas as regiões do Brasil e em 21 estados. Vale observar que em seu maior número (66) tais organizações são de abrangência local, 10 estaduais e 16 regionais. Dentre aquelas de escopo regional, temos a União das Mulheres Indígenas da Amazônia Brasileira (UMIAB), fundada em 2009, com propósito de discussão e agenciamento de pautas específicas voltadas ao fortalecimento das mulheres indígenas no âmbito daquela região.





O fato é que as mulheres indígenas estão assumindo posição de liderança no Brasil. As duas entrevistadas nessa seção, Edilena Krikati e Maria Helena Gavião, atuantes na UMIAB, como também em outras associações indígenas, são figuras proeminentes desse processo. Ambas estão na linha de frente na organização e luta das mulheres indígenas pelos direitos de seus povos, na defesa da demarcação e proteção dos seus territórios.

Edilena Erroure Torino, pertencente ao povo Krikati do Maranhão, fez parte da primeira coordenação da UMIAB. É coordenadora regional da Fundação dos Povos Indígenas (FUNAI) do Maranhão; foi a primeira Secretária-adjunta dos Direitos dos Povos Indígenas do Estado daquele estado; também esteve à frente da Coordenação das Organizações e Articulações dos Povos Indígenas do Maranhão (COAPIMA); fez parte da Articulação das Mulheres do Maranhão (AMIMA); foi secretária do Conselho das Organizações indígenas do Araguaia e Tocantins (COIAT); no período em que cursou História na Universidade Federal do Tocantins (UFT), foi uma das fundadoras da Organização dos Estudantes Indígenas Universitários (UNEIT); é conselheira da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB). Já **Maria Helena Gavião**, do território Governador do povo Gavião, considera-se discípula de Edilena, e seguindo seus passos também já coordenou a UMIAB e foi eleita para o triênio 2023-2026 como vice coordenadora da COAPIMA, organização voltada à promoção da organização social e política dos povos indígenas do estado do Maranhão.

Esta entrevista foi concedida em Brasília, no dia 30 de março de 2023, em meio a uma extensa e intensa agenda de ambas, na qual estavam programados encontros com importantes mulheres indígenas, como a Ministra dos Povos Indígenas do Brasil (Sônia Guajajara) e a Presidente da Fundação dos Povos Indígenas (Joenia Wapichana), bem como com representantes de órgãos que trabalham a política ambiental no país como o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) e com parlamentares. Os temas por elas aqui abordados são múltiplos, mas extremamente entrelaçados, enfocando desde suas trajetórias como mulheres indígenas militantes a percepções do momento político atravessado pelo país no tratamento da questão indígena.

Criação do Ministério dos Povos Indígenas

É uma mudança na política do país,
na política indigenista do estado brasileiro
(Edilena Krikati)

Edilena: A gente considera a criação do ministério, tendo uma mulher indígena, maranhense, nordestina à frente desse ministério e representando todos os povos indígenas do Brasil, um marco histórico. É uma mudança na política do país, na política indigenista do estado brasileiro, e nessa relação mesmo de como o estado brasileiro vê essa adversidade étnica que é cultural. Então, para nós é muito positivo. A gente ficou muito feliz por isso, e estamos fortalecendo o ministério, um ministério novo. É claro que temos desafios, vamos encontrar barreiras, dificuldades, mas mostrou a todos que o Brasil consegue pautar questão indígena, principalmente por uma mulher indígena.

Maria Helena: eu acho que é um momento histórico para nós povos indígenas, de ver uma mulher indígena, [...] ocupando espaço, deveria ser há muito tempo, e agora a gente tem, né? Então, a gente fica muito feliz assim, de ver mulheres indígenas o quanto conseguem [...], principalmente a Soninha (Sônia Gajajara) mesmo, também fez parte do movimento indígena no qual a gente está. Então, para nós é um momento muito, muito histórico e muito feliz assim, para a gente, e para mim principalmente, fiquei muito feliz de a gente fazer esse diálogo com ela, e ter acesso para nós, então isso é importante.

Mulheres indígenas e guerreiras

a gente já se define com mulher guerreira e resistente
(*Maria Helena Gavião*)

Edilena: eu sou Edilena, tenho mais de quarenta anos, sou mãe, sou avó, pertenço ao povo Krikati do sul do Maranhão, é um povo do ser-rado. Eu sou uma mulher que eu acho que eu já nasci na luta, e a gente já nasce guerreira só por nascer mulher. Então, a Edilena teve vários momentos no movimento social indígena, e algumas vezes no espaço de governo também que eu fui secretária adjunta do governo de estado, passei um tempo na própria coordenação regional da Funai no Maranhão, como assistente técnica, e aceitei hoje o convite de estar assumindo a coordenação regional do Maranhão também. Então, a Edilena é isso, é uma mulher, é uma mulher indígena.

Maria Helena: eu sou Maria Helena Gavião, território Governador. E Maria Helena Gavião é uma guerreira também que já nasceu nessa luta, nessa batalha, e a gente vem nessa luta há tanto tempo que a gente está, assim, mulher indígena está dentro dessa luta juntamente com os homens, então a gente já se define como mulher guerreira e resistente, e é isso que a gente é, Maria Helena é dessa forma.

Trajetória na militância

e foi acontecendo, a gente não planeja,
a gente não pensa, quando vê já acontece

(*Edilena Krikati*)

Edilena: desde pequena eu acompanhava o meu pai nas reuniões, nas conversas, entre o próprio povo Timbira, já que ele ajudou a fundar a organização Timbira Pykopcatejê dos povos Timbira do Maranhão e Tocantins. E aí a gente vai ouvindo, vai aprendendo, vai entendendo, e aí como a gente, enquanto mulher, além da gente observar tudo a gente consegue ficar calado, aí a gente começou já assim automati-

camente a estar junto com os homens, a começar a discutir. Passei um bom momento no estado do Tocantins quando eu ainda estudava lá em Araguaína, e lá eu tive a oportunidade de estar com outros povos, ajudar o movimento estudantil de estudantes universitários na UFT (Universidade Federal dos Tocantins), de criar uma organização indígena em nível de estado, e aí fazer parte da organização em nível estadual do Tocantins. Depois eu venho para o Maranhão ainda na militância como sempre nessa relação nossa das organizações de base para a Rede COIAB (Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira), organização maior da Amazônia brasileira, e foi acontecendo, a gente não planeja, a gente não pensa, quando vê já acontece, e aí assim que a gente vai vivendo nesse mundo, sempre na luta, e buscando melhoras.

Maria Helena: Eu acho que quando a gente nasce já para isso a gente já vai pegando já, agradeço muito à pessoa que me trouxe que está aqui, que é a Edilena. [...] Uma das pessoas que me trouxe desse mundo de luta, porque até então eu, a minha família sempre foi, a minha família sempre foi de luta, mas não tinha esse envolvimento e tal, e aí um dia ela chegou me convidou, você quer participar de uma reunião, e dali para frente nunca mais parei, e até hoje a gente está junto nessa luta, nessa busca de melhoria para nossas mulheres, principalmente no nosso território, que é importante essa...

Desafios na liderança

não é fácil, ainda mais ser indígena,
e estar nesse meio, é muito difícil

(*Maria Helena Gavião*)

Edilena: Nossa! os desafios são vários! A começar que, não só no nosso meio, como na sociedade como um todo, [...] ainda prevalece a questão do machismo, né? Então, a gente está... tentar o tempo inteiro quebrando tabus, quebrando paradigmas, vencendo obstáculos, para

poder estar, então é um desafio, é isso [...] Além de você ser mulher, ser indígena, além do Brasil desconsiderar, desconhecer talvez a história dos povos indígenas do Brasil, ainda tem aquela ideia romantizada de como os indígenas têm que ser, e principalmente com relação a mulher indígena, a questão da sensualidade do corpo, da nudez. Então, a gente tem que estar o tempo inteiro ali marcando presença e desmitificando essas ideias equivocadas. Então, acho que a gente cada dia escreve na página de um livro, de uma história [...] porque temos as nossas mulheres dentro das nossas aldeias, e de certa maneira, a gente vira porta-voz delas estar nesse constante vai e vem, e de trazer outras mulheres também para a luta, que existe toda essa dificuldade mesmo de você sair de dentro da aldeia, tem a barreira linguística, entender como é que funciona esse mundo aqui fora, então é um aprendizado, e é isso.

Maria Helena: Um desafio constante todos os dias, tudo que a gente vê [...] vem dessa luta, porque não é fácil, ainda mais ser indígena, e estar nesse meio, é muito difícil, é um obstáculo que a gente tem que estar passando por cima daquilo para poder estar nesse momento, nesse lugar de liderança, ser respeitado pelos homens, então eu acho que esse é a trajetória de nós mulheres estar aqui hoje.

Ser mulher indígena hoje

Ser mulher indígena no Brasil é você ser resistente mesmo, e mostrar que a gente tem força, tem coragem

(Edilena Krikati)

Edilena: Eu acho que ser mulher é um pouco de tudo, né? Ainda mais mulher indígena, eu acho que nós mulheres indígenas nessa diversidade de biomas, de realidade, de vivências, né, nessa diversidade linguística cultural e étnica mesmo em nível de diversidade dos povos indígenas do Brasil, nós mulheres somos todas especiais e lindas de

maneira diferente, e acho que ser mulher indígena no Brasil é você ser resistente mesmo, e mostrar que a gente tem força, tem coragem, e continua, então a gente tem conseguido um protagonismo muito grande nos últimos tempos, antes era somente nossos homens, nossos guerreiros que estavam a frente que faziam a conversa, hoje não, a gente está lá, do lado ou na frente, muitas situações a gente está na frente mesmo, eles que estão nos acompanhando...

Maria Helena: Ser mulher indígena já está dizendo, ser mulher indígena resistente nessa luta poder estar ocupando o seu espaço de mostrar que a gente está aqui, nós mulheres também fazemos parte dessa luta, da sociedade que precisa respeitar, que precisa conhecer a luta da mulher indígena. Então, para nós já, nós que estamos à frente disso a gente se sente fortalecido, e também fortalecer aquelas que estão lá na base que também conta com a gente, então eu acho que ser mulher indígena é isso, é ocupar realmente o espaço de mostrar para a sociedade não indígena, e para a sociedade indígena que a gente tem essa capacidade de estar no espaço que a gente quiser, principalmente ser mulher, mulher indígena, e ter essa potência de ocupar os espaços que a gente quer.

Retomada de valores e memórias

a gente precisa olhar para trás e ver essas memórias
para que a gente possa se basear, através dessas
memórias, para conduzir melhor

(*Maria Helena Gavião*)

Edilena: essa retomada de valores e memórias eu acho que tem sido uma pauta bem importante, porque a gente traz toda a nossa história, toda a nossa trajetória de luta, todas as nossas lutas e resistência, todos os enfrentamentos que a gente faz e fez, então eu acho que é trazer para o presente hoje esses valores, essas memórias que estiveram também, então eu acho que isso está bem forte hoje, eu



acho que é isso que motiva, que levanta, você pensar o passado, mas sabendo que esse passado é que vai te conduzir para o futuro e para o presente também, esse direcionamento tem sido importante. [...] É a continuidade mesmo de uma história que se começa há muito tempo atrás, e a gente é isso, é continuidade, e quem sabe nossas filhas, nossas netas.

Maria Helena: Quando a gente está numa organização ou então numa articulação de mulheres, que a gente vê que várias mulheres já passou, e a gente precisa olhar para trás e ver essa memórias, para que a gente possa se basear através dessas memórias para conduzir melhor talvez, ser orientado por isso, para a gente poder entender melhor como foi isso, como que ficou, como que a gente vai fazer daqui para frente [...] é muito importante ver essas memórias, trazer isso também para o futuro e presente também, então eu acho que é isso que traz, e motiva a gente estar nessa luta, nessa batalha cada vez mais, que não é fácil, né, mas a gente está nessa luta que outras pessoas trouxeram para a gente, e deixou para a gente para poder levar a diante, e daqui uns dias são os nossos netos, nossos filhos que vão estar levando isso a diante.

Movimento de mulheres e Movimento indígena

nossos guerreiros também estão sempre com a gente nas lutas, então a gente não é um movimento separado

(Edilena Krikati)

Edilena: Eu acho que é uma relação muito boa, né, eu acho que a gente consegue dialogar, estar junto, cada um claro tocando na pauta específica nossa de mulheres no movimento indígena nosso de mulher consegue pautar, e nossos guerreiros também estão sempre com a gente nas lutas, então a gente não é um movimento separado, nós fazemos um movimento como um todo a parte.

Maria Helena: Eu acho que é um movimento conjunto, até porque dentro das organizações só está as mulheres a frente, no caso da co-

ordenação da [...] tem a mulher Guajajara na coordenação, e eu a vice coordenadora da COAPEMA, e tem a articulação de mulheres indígenas que também é estadual que é a AMIMA, e a gente vem trabalhando em conjunto sempre nessa linha de ter uma política especificamente para as mulheres indígenas, então essa luta é conjunta, a gente nunca lutou separado assim, sabe, então eu acho que esse movimento, essa articulação que a gente tem sempre foi em conjunto, [...] e assim que a gente vai levar porque se separar a gente não consegue se fortalecer, então junto a gente é mais forte nesse sentido.

Sem rótulos e definições

A gente é totalmente diferente

(*Maria Helena Gavião*)

Edilena: Nem sei dizer, já me perguntaram isso várias vezes. Acho que sou feminina, talvez feminista em algumas situações, mas se for para eu avaliar assim de forma geral eu acho que não, não sei, pode ser [...] E até porque nós, assim, povos indígenas, a gente não tem esse pensamento, sabe, de dividir, claro que a gente tem o nosso posicionamento, a gente vai lá, tem momento que a gente, não mulheres aqui, mas eu acho que não sei, essas perguntas que às vezes pega a gente assim, sabe, porque a gente não sabe como definir isso, porque a gente não é feminista. A gente ser igual ao pensamento, a ideologia das outras feministas, eu acho que não, né?

Maria Helena: A gente é totalmente diferente, porque se a gente falar que a gente é feminista, pronto, o nosso povo também morre do coração...

Sonhos

o nosso maior sonho é de a gente estar bem,
viver bem, e estar nas nossas terras

(Edilena Krikati)

Edilena: Então, eu acho que o meu sonho nessa militância é justamente isso, né, de ver todos os povos dos seus territórios demarcados, homologados, com as políticas públicas alcançando e entendendo as nossas diferenças, nossas especificidades mesmo enquanto povo, e dá gente conseguir ainda ter um pouco de floresta, de água, que eu acho que a relação nossa com a terra ela é importante. Então, eu acho que o nosso maior sonho é da gente estar bem, viver bem, e estar nas nossas terras que tradicionalmente eram nossas, e que hoje, de ver as nossas crianças correndo banhando no rio, vivendo mesmo, e não sobrevivendo como é hoje o que acontece, a gente vê muito dos nossos povos a beira de estrada, sem-terra, sem saneamento básico, sem água, sem recursos naturais para fazer as suas próprias casas, as suas crenças, as suas questões, porque sair nada, então o povo indígena sem-terra ele deixa de existir, e aí o pessoal não entende isso. E eu Edilena como pessoa eu acho que eu não tenho um sonho definido não, que eu vivo bem assim, não sei, vou até pensar no que eu quero de sonho para mim mesma, realidade.

Maria Helena: o meu sonho é de ver as coisas que a gente tem e vem enfrentando como solução para o povo principalmente. O meu sonho de ver as nossas terras indígenas sendo demarcado para o nosso povo. Eu acho que é um sonho para qualquer mulher militante, mulher que fica no movimento quer ver essa solução. Então o meu sonho é de ver tudo isso, a saúde atendendo de melhor qualidade a ação melhor, então o sonho nosso sempre foi esse, de ver o nosso território bem, o nosso bem viver ali sem ser violentado, sem ser derrubado, sonho de ver o nosso povo feliz, esse é o meu sonho.



Notas

- 1 Pós-doutorado em Antropologia Social pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutora em Serviço Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutoranda em Antropologia Social pela Universidade de Brasília. Oficial Superior da Marinha do Brasil. Professora da Escola Superior de Defesa (ESD). N° Orcid: 0000-0001-7533-4636. E-mail: nadiaxmoreira@yahoo.com.br
- 2 Disponível em: <https://site-antigo.socioambiental.org/pt-br/noticias-socioambientais/organizacoes-de-mulheres-indigenas-no-brasil-resistencia-e-protagonismo>. Acesso em 07 de abril de 2023.

